

## **O EXCESSO DE POSITIVIDADE, A CULTURA DO CANCELAMENTO E AS NOVAS FORMAS DE VIGILÂNCIA SOCIAL**

*Vivian Rafaella Prestes*

Docente da Faculdade Adventista Paranaense (FAP), doutoranda pela Universidade Estadual Paulista (UNESP) e psicóloga clínica.  
[psicologa.vivian@hotmail.com](mailto:psicologa.vivian@hotmail.com)

*Ellen Sara Negreiros*

Discente do curso de Psicologia da Faculdade Adventista Paranaense (FAP)  
[ellensaranegreiros@gmail.com](mailto:ellensaranegreiros@gmail.com)

**RESUMO:** O presente trabalho propõe uma reflexão teórico-analítica sobre o entrelaçamento da noção de Sociedade do desempenho, elaboração de Han (2015), e a cultura do cancelamento. A sociedade do desempenho tem como característica a tirania da positividade, isto é, ela legitima a lógica de que o sujeito deve ser cada vez mais ágil, valendo qualquer coisa para se superar e alcançar a mais elevada performance. Nesse sentido, as redes sociais auxiliam no engendramento de subjetividades que se empenham em expor suas produções de opiniões, oportunizando o fenômeno do cancelamento de quem manifesta ideias ou condutas condenáveis por alguma razão. Por um lado, isso provoca o debate de assuntos importantes, como machismo, racismo e homofobia. Por outro, exige-se cada vez mais um padrão de perfeição e congruência, sendo inaceitáveis as falhas, deslizes e erros. Diante desse cenário, cria-se um clima de vigilância social que, por sua vez, traz consequências como esgotamento, cansaço e depressão diante da sensação de fracasso.

**Palavras-chave:** Desempenho; Cancelamento; Foucault; Psicanálise.

## **THE EXCESS OF POSITIVITY, THE CANCELLATION CULTURE AND NEW FORMS OF SOCIAL SURVEILLANCE**

**ABSTRACT:** The present planning work is a theoretical-analytical reflection on the intertwining of the notion of performance society, elaborated by Han (2015 and the culture of cancellation). The performance society is characterized by the tyranny of positivity, that is, it legitimizes the logic that the subject must be increasingly agile, worth anything to overcome and achieve lower performance. In this sense, social networks help in engendering ideas of subjectivities for some form of exhibition, taking into account the phenomenon of cancellation of those whose productions or conduct are condemnable for reason. On the one hand, this provokes the debate of subjects such as machismo, racism and homophobia. On the other hand, a standard of perfection and congruence is increasingly demanded, being unacceptable as failures, mistakes and errors. From this scenario, a climate of social surveillance is created that, in the future, brings consequences such as exhaustion, fatigue and vision in the face of the notion of failure once and for all.

**Keywords:** Performance; Cancellation; Foucault; Psychoanalysis.

## INTRODUÇÃO

Este artigo visa debater e relacionar as características da sociedade do cansaço, fenômeno observado pelo filósofo coreano Byung-Chul Han (2015), a cultura do cancelamento e as novas operações de vigilância social, recorrendo, para isso, aos estudos de Foucault. Trata-se, portanto, de um trabalho teórico-analítico que pretende refletir sobre as características da sociedade contemporânea em seus aspectos tecnológicos e seus possíveis efeitos. Para tal, foi realizada uma pesquisa bibliográfica que, para Lakatos e Marconi (2003) e Gil (2002), diz respeito ao avanço do conhecimento por meio do acesso aos estudos já publicados por outros autores. Toda investigação científica contempla, em algum momento, a pesquisa bibliográfica, pois ela oferece o arcabouço teórico sobre determinado tema produzido até então, aproximando o pesquisador do assunto examinado. Neste trabalho, as ferramentas para consulta foram livros, artigos científicos da plataforma Scielo, dissertações e teses publicadas. As palavras-chave utilizadas nas buscas foram: sociedade do cansaço, cultura do cancelamento e vigilância social. A partir disso, foram selecionados os materiais compatíveis com o objetivo do trabalho.

Byung-Chul Han (2015), em sua obra “Sociedade do cansaço”, explica a lógica do enaltecimento a indivíduos acelerados e agitados que, por essas características, tornam-se mais produtivos e desenvolvem multifuncionalidades, atendendo facilmente às demandas capitalistas.

Esse livro constata o que os filósofos disseram: cada momento social e histórico porta sofrimentos específicos de cada contexto. Byung-Chul Han (2015) afirma que a marca de sofrimento deste tempo em que se vive é a violência neural. Para além de uma explanação neuroquímica e biológica, o autor abrange, sobretudo, o aspecto social. Ele desenvolve a ideia de que quadros como hiperatividade, depressão e síndrome de Burnout são associados diretamente com o modo capitalista vigente, isto é, com a forma com que os indivíduos estão submetidos e se relacionam, principalmente, com o trabalho.

Esse modelo social atual, o qual tem como prerrogativa a produtividade em tempo integral e o desempenho excelente, é reflexo do que Han (2015) denomina de positividade, palavra que, nesse contexto, significa que todas as possibilidades são incontestáveis, isto é, o mundo exige dos indivíduos a disponibilidade ao “sim”. O autor menciona que, enquanto na sociedade disciplinar a violência era pautada na repressão, na censura e no cerceamento a determinadas condutas, a sociedade do desempenho sinaliza a violência exatamente pela operação da positividade. Sendo assim, a agressão se apresenta quando, crendo que tudo pode ser admissível e realizável, ao se deparar com os limites de esgotamento e cansaço, o sujeito se sente incapaz, malsucedido e fracassado. Em outras palavras, a régua que mede o sucesso do indivíduo está pautada no quanto ele é capaz de desconsiderar suas impossibilidades e limitações para dizer “sim” às demandas impostas.

Como a principal forma de dominação é pelo desempenho (HAN, 2015), as redes sociais têm sido estratégicas para empreender tal performance. Instagram e twitter, por exemplo, tornaram-se vitrines de produções. Nessas redes, produz-se desejos e pensamentos, mostra-se o que se consome, os gostos, divulga-se o trabalho, aliás, a própria rede social é um trabalho. Equivocadamente, acreditou-se que o virtual proporcionaria distração e entretenimento, mas, ao contrário, as tecnologias de comunicação favoreceram uma nova morfologia do trabalho, originando o trabalho virtual. Esse tema tem sido explorado por Antunes (2018) que, ao falar sobre o trabalho digital, problematiza que, ainda que a tecnologia seja necessária, ela provocou a onipresença do trabalho em todos os espaços do indivíduo. Não há mais a divisão do tempo no trabalho e fora dele. Prova disso é o uso do whatsapp e e-mails como ferramentas que possibilitam o acesso permanente aos assuntos do trabalho, culminando no que Antunes (2018)

chama de servidão digital. Trabalho e vida privada se tornam quase que indissociáveis, e há de se notar marcas significativas tanto na vida coletiva quanto nas produções das subjetividades.

O desempenho e a produtividade atravessam todos os campos da existência, inclusive as projeções subjetivas que são expostas no Instagram, plataforma que prioriza o visual. A proposta dessa ferramenta tem sido mostrar um estilo de vida idealizado. Nesse ambiente virtual, expõe-se fotos e vídeos acompanhados ou não de frases e dizeres sobre as pessoas e os lugares. Os usuários postam o que gostariam de ser no intento de conquistar aceitação digital, de sentir que aquilo que é exposto está sendo aceito pelos outros. Assim, surgem os influenciadores digitais (*influencers*), pessoas que, como o nome já indica, influenciam outras pessoas a consumirem determinado estilo de vida, ideias e costumes. Os *influencers* ganham notoriedade devido à popularidade alcançada por meio das curtidas, comentários, visualizações e compartilhamentos.

Virtualidade, desempenho e positividade se entrelaçam, sustentando um ciclo de aparências: os indivíduos, crentes de que expõem suas opiniões e gostos (*seu lifestyle*), terão impacto na vida dos demais, assim o fazem; o número de seguidores cresce, e junto com ele, a demanda pela exposição, exigindo mais produtividade e performance. Todavia, as repercussões das publicações nem sempre são positivas, e em alguns casos pode culminar em situações delicadas, episódios em que acontece o “cancelamento” da pessoa, grupo ou marca. A cultura do cancelamento é um tipo de punição: se cancelar uma pessoa, automaticamente ela perde seu lugar, mesmo que momentaneamente, de influência, impactando negativamente a sua fama. Já se o cancelamento for de uma empresa ou marca, ocorre o boicote ao consumo dos produtos a ela associados. O ato de cancelar decorre do julgamento que o público faz dos comportamentos e conteúdos considerados questionáveis, a partir de critérios morais e/ou éticos. Os cancelamentos podem surgir no tocante a temas graves, como agressão, racismo e assédio, ou por deslizes e tropeços que se tornam, por alguma razão, intoleráveis.

Há, no mínimo, dois lados a se pensar sobre a cultura do cancelamento: posicionamentos racistas, misóginos, homofóbicos, dentre outros, são problematizados, o que era mais raro anos atrás. Nesse sentido, ganha-se espaço para debater, repensar e desconstruir preconceitos estruturais. No entanto, cancelar pode exprimir que as pessoas se autorizem a serem juízes, sentenciando atitudes por considerá-las imperfeitas ou inaceitáveis, criando-se, então, demandas de excelência, o que contribui com as ideias de Han (2015) sobre a sociedade do desempenho e o

excesso de positividade. Mais uma vez, o ciclo das aparências é alimentado. A exigência que repousa sobre o indivíduo é de não apenas aparecer, mas também aparentar: é preciso performar um estilo de vida completamente “perfeito”, onde não há erros ou equívocos.

A cultura do cancelamento indica o lugar de vigilância que as pessoas têm ocupado, seja quem cancela ou quem é cancelado, revelando o poder envolvido nessa situação de controle e monitoramento dos indivíduos, tese já anunciada por Foucault (1999). Todavia, Foucault (1999) trabalhou com os acontecimentos da sociedade moderna, denominada por ele de Sociedade disciplinar. Para o filósofo, esse modelo social se dá por meio da hierarquia e obediência. Este artigo tem como proposta pensar que, atualmente, a partir da sociedade do desempenho, a hierarquia se dissolve e é incorporada pela massa julgadora, que também produz um saber sobre todos os outros vigiados, a fim de domesticar seus comportamentos.

## **1. DA SOCIEDADE DISCIPLINAR À SOCIEDAD DO DESEMPENHO**

A tese sustentada por Han (2015) é a de que a negatividade da sociedade disciplinar está em declínio, abrindo espaço para o seu oposto: o excesso de positividade. Para ele, os indivíduos da atual conjuntura estão submetidos à sociedade do desempenho e é esse o modo pós-disciplinar da sociedade ocidental, denominada por outros autores como sociedade de controle (Deleuze, 1992a e b) e biopolítica (Foucault, 2008). Faz-se necessário sublinhar que as palavras positividade e negatividade ultrapassam a dicotomia “bom” e “ruim”, superando, também, a assimilação da positividade com confiança/otimismo e negatividade com pessimismo. Chul-Han (2015) relaciona a negatividade com a sociedade disciplinar, fenômeno elucidado por Foucault. Assim, para articular esses conceitos, faz-se necessária suas elucidações.

De forma sucinta, Foucault (1999) engendra que a sociedade disciplinar surge com o avanço do capitalismo, conseqüentemente ao declínio da monarquia, e tem como principal marca seu aspecto de poder por meio da vigilância e do controle social. Disciplinar os sujeitos é uma operação de poder realizada pelas instituições da sociedade, as quais objetivam a normatização de comportamentos, vigiando e punindo aqueles que destoam do que é estipulado como ajustado. Segundo o autor, as técnicas para disciplinar atravessam os corpos, os quais devem ser dóceis,

isto é, estar a serviço do funcionamento social. Para isso, os sujeitos são dominados e amansados pelos níveis hierárquicos e pelas leis normatizadoras, aparecendo em todos os aparelhos do Estado, como as fiscalizações exercidas nas instituições escolares e prisionais.

Nesse sentido, a negatividade corresponde à sociedade disciplinar, uma vez que ao negativo é atribuído o “não”, ou seja, a algo que coloca limite, demarcando o que é da ordem do impossível, inviável ou, dito de outra forma, delineando que não se pode tudo. Os mecanismos utilizados para isso eram, inclusive, materializados, a exemplo dos muros e barreiras que interditavam os espaços. Foucault (1999) afirma que o controle se passa pelas formas de vigilância, sobretudo nas situações e lugares em que alguém olha, mas não é visto. Por exemplo, a sala do chefe que fica localizada acima do chão de fábrica, viabilizando seu monitoramento do trabalho dos subordinados através do vidro ou de câmeras de “segurança”. Olhar, vigiar, fiscalizar e não ser visto, ficar no anonimato, foi justamente o que a Internet e as redes sociais entregaram aos usuários das plataformas.

Para explicar a hierarquia necessária para a vigilância na sociedade disciplinar, Foucault (1999, p. 156) utiliza o formato piramidal, desenho que permite visualizar uma conjuntura em que poucos vigiam muitos, com o objetivo de que tal vigilância seja de difícil detecção. Ou seja, não se sabe quando há alguém fiscalizando ou não. Esse fato provoca no indivíduo o receio de ser flagrado cometendo algo proibido e, por isso, ele mesmo passa a se vigiar para não quebrar as regras que introjetou. Foucault empresta de Bentham o termo panóptico para representar essa arquitetura: as penitenciárias iriam dispor as celas uma ao lado da outra, organizando-as como um círculo, de tal forma que todos os encarcerados pudessem ver os demais em uma visão panorâmica. No centro, ficaria uma torre com vidros para que o vigia que ali estivesse observando pudesse ver todos os prisioneiros, porém, eles não saberiam quando estariam sendo observados.

O panóptico consiste em uma construção arquitetada para ser o resultado máximo do controle pela vigilância. Foucault (1999; 2017) debateu os desdobramentos dos significados de seu uso, principalmente nas obras *Vigiar e Punir* e *Microfísica do Poder*. O panóptico “faz funcionar o projeto de uma visibilidade universal”, onde “cada camarada torna-se um vigia” (FOUCAULT, 2017, p. 118). Nas palavras de Foucault (2017, p. 224), a prisão arquitetada em formato panóptico tinha como mais importante consequência “induzir no detento um estado

consciente e permanente de visibilidade que assegura o funcionamento automático do poder". De forma muito precisa, a citação referida poderia se aplicar à realidade do mundo virtual. Uma realidade paralela em que não há espaço para demonstrar cansaço, impotência ou ócio, e a produtividade é totalmente desvinculada do ciclo natural de tentativa e erro, acarretando quadros de ansiedade que muitas vezes são coroados sob o título de esforço na sociedade do desempenho.

Han (2015) elabora que, ao contrário da sociedade disciplinar que era pautada no princípio da negatividade, atualmente se vive em um modelo de excessiva positividade, ou seja, tudo é possível e permitido na sociedade do desempenho. Esse estado não é sem consequências: ao acreditar que tudo é possível, criam-se sujeitos hiperativos, que buscam motivação para se alcançar tudo o que querem e, ao se depararem com as limitações humanas, se deprimem. Sumarizando,

A sociedade disciplinar ainda está dominada pelo não. Sua negatividade gera loucos e delinquentes. A sociedade do desempenho, ao contrário, produz depressivos e fracassados. A mudança de paradigma da sociedade disciplinar para a sociedade de desempenho aponta para a continuidade de um nível. Já habita, naturalmente, o inconsciente social, o desejo de maximizar a produção (HAN, 2015, p. 25).

De acordo com o autor, a positividade tem como principal símbolo o slogan “Yes, we can” (Sim, nós podemos) do ex-presidente dos EUA, Barack Obama. As mudanças sócio-históricas marcam a transição de uma disciplina que, antigamente, era pautada na coerção, como “você deve”, para o “nós podemos”, o qual carrega em seu enunciado o imperativo de realização, velocidade e superação constante. Para o filósofo coreano, há efeitos destrutivos nessa falsa sensação de liberdade que, em última análise, visa extrair toda a eficácia do próprio sujeito, o qual paga um alto preço com sua saúde mental. A mudança da negatividade para a positividade teve como efeito a transformação do sujeito da obediência para o sujeito do desempenho, visando a agilidade e a eficiência. A interdição perde força; o indivíduo já não teme a transgressão, ao contrário, o sujeito do desempenho tem em si um ideal de existência e superação.

Articulando com a teoria psicanalítica freudiana, na sociedade disciplinar, o Supereu, instância psíquica elaborada por Freud, operava como uma instância repressiva, exercendo censura, restrição e proibição ao indivíduo. Já na sociedade do desempenho, não se submetendo à

coação negativa e impedimentos, o Supereu estaria a serviço da liberdade e busca de autonomia. Fórmula, inclusive, endossada pelos *coaches* que declaram que o único obstáculo a ser superado é si mesmo. Na sociedade do desempenho, o sujeito é gestor de si. Não é como em Tempos Modernos, filme em que Charlie Chaplin representa um trabalhador que é fiscalizado, marcando a negatividade discutida anteriormente. Ao contrário, o sujeito atual é submetido à premissa de independência, exigindo-se criatividade, resolução, disposição, flexibilidade e aperfeiçoamento, não precisando de um chefe para produzir.

Nos valendo do termo empregado por Etienne de la Boétie (1999), o que acontece se aproxima de uma “servidão voluntária”. Em sua obra "Discurso sobre a Servidão Voluntária”, o autor discute quais razões levam nações inteiras a se sujeitar a figuras das autoridades. Diferentemente dos tempos de Etienne, a servidão prestada hoje tem menos a ver com a aristocracia ou o clero, estando muito mais relacionada à servidão que se prostra às necessidades próprias de validação como resultado do desempenho, forjadas no cerne do capitalismo.

A lógica da sociedade do desempenho é a de que, ao sentir a falsa liberdade, o indivíduo busca melhorar sua performance e se autoexplora trabalhando cada vez mais, o que é mais eficiente do que quando é o outro quem explora. Han (2015, p. 35) afirma que a depressão se instala no momento em que a pessoa acredita que é capaz, mas não consegue ser capaz de tudo. Nas palavras do autor “a reclamação de um depressivo de que ‘nada é possível’ só pode ocorrer em uma sociedade na qual ‘nada é impossível’”. A depressão, assim, é a manifestação patológica do fracasso do indivíduo que não consegue ser ele mesmo e que almeja um ideal difícil de ser alcançado. Nas palavras do autor:

O que causa a depressão do esgotamento não é o imperativo de obedecer apenas a si mesmo, mas a pressão de desempenho. (...) o que torna doente, na realidade, não é o excesso de responsabilidade e iniciativa, mas o imperativo do desempenho como um mandato da sociedade pós-moderna do trabalho (HAN, 2015, p. 27).

Aquilo que se vende como autorrealização direciona o indivíduo à autodestruição, seja pelo alto índice de hiperativos, depressivos, burnouts. A liberdade acaba sendo coercitiva e as realizações parciais dos ideais aspirados acabam desencadeando a sensação de fracasso.

## 2. CULTURA DO CANCELAMENTO E VIGILÂNCIA SOCIAL

As redes sociais são ferramentas que imperam a produção: quanto mais se produz e expõe, mais engajamento se tem e, automaticamente, mais visibilidade se ganha. Foucault questionou o modelo panóptico pelo esquema de vigilância associado ao poder, atualmente, esse modelo fora substituído pela vigilância promocional constante vinculada às redes sociais. Rede que tem em sua trama as relações de poder e saber. O que se sublinha é que a lógica das redes sociais não tem fugido muito da vigilância onipresente do modelo panóptico. Por trás de cada tela, há um usuário. Semelhante ao panóptico, além da vigilância central - pode-se pensar nos algoritmos que calculam todas as buscas para oferecerem produtos e serviços relacionados à elas -, cada “amigo/seguidor” também é um observador. A diferença estaria na iniciativa da exposição: geralmente, a iniciativa parte do próprio usuário, em sua própria conta. Entretanto, vale pensar nas motivações inconscientes por trás da necessidade de exposição do que se faz e de quem se é: em última análise, as pessoas buscam ser vistas e pertencentes a alguma comunidade.

Havendo a possibilidade de controlar quais parcelas da vida serão expostas ao conhecimento de outrem, muito provavelmente isso será feito. E certamente não serão os problemas familiares, os defeitos, os contratemplos no trabalho ou as dificuldades financeiras as principais pautas. E esse não é um problema em si, mas se desdobra em, pelo menos, duas situações problemáticas: a falsa e adoecedora ideia disseminada do *lifestyle* perfeito e a cultura do cancelamento.

A palavra *lifestyle* significa estilo de vida e contempla, atualmente, a dimensão comportamental dos hábitos de consumo. Esse estilo, nas redes sociais, visa demonstrar as escolhas que aquela pessoa faz, como alimentação, exercícios físicos, lugares que frequenta, dentre outros aspectos da vida. Dessa forma, pensar em *lifestyle* implica em refletir sobre estratificação socioeconômica, visto que nem toda a população, aliás, uma minoria tem acesso ao mesmo estilo de vida disseminado pelos *influencers*. Padrões de beleza, pratos de comida e lugares instagramáveis acabam se tornando objetos de desejo, como se fosse possível e acessível a todas as pessoas. Para se sentir pertencente, indivíduos de todas as classes sociais tentam reproduzir os estilos que se inspiram, apropriando-se de um padrão que, muitas vezes, não corresponde à realidade de cada pessoa.

Já a cultura do cancelamento envolve sabotar alguém, geralmente famoso, em razão de algum julgamento que os usuários da Internet fazem. A pessoa pode ser cancelada pelo uso de uma palavra fora de contexto, por alguma atitude, pelas amizades que tem, por algum posicionamento ou até mesmo a falta dele. A princípio, qualquer ação pode propiciar o cancelamento. Cancelar não se limita a deixar de seguir aquela pessoa ou invalidar sua opinião, mas, frequentemente, vem acompanhado de comentários hostis que têm como propósito atacar aquela figura para que ela seja de alguma forma rechaçada. Como mencionado na introdução deste trabalho, há casos em que o cancelamento foi importante, como as acusações feitas por abusos sexuais cometidos por atores e diretores de Hollywood. Porém, também há situações em que o cancelamento se perde em seu objetivo de debater e se torna um ato violento e agressivo.

A título de ilustração, a influenciadora Gabriela Pugliesi, blogueira que ganhou notoriedade nas redes sociais por compartilhar dicas da sua rotina alimentar e exercícios físicos, foi cancelada no início de 2020 após promover festa com seus amigos durante o início da quarentena pela pandemia da Covid-19. O site da Revista Istoé<sup>1</sup> informou que a influencer teve contratos cancelados, já que as marcas não queriam ter a imagem de seus produtos associados a ela, e perdeu aproximadamente 150 mil seguidores. O prejuízo em decorrência da atitude irresponsável parece ter feito com que Pugliesi “evoluisse”, de acordo com suas palavras divulgadas nas notícias do portal UOL<sup>2</sup>.

2020 também foi o ano em que a cantora Karol Conká foi cancelada durante a sua participação no reality da TV Globo, o Big Brother Brasil. A artista entrou como uma das favoritas, mas, durante o programa, teve comportamentos interpretados como xenófobos e agressivos, sobretudo com Lucas, participante que pediu para sair do programa. Karol, que teve o recorde de rejeição em sua eliminação, chegou a ter shows cancelados e a perder cerca de 500 mil seguidores em sua conta na rede social *Instagram*<sup>3</sup>, de acordo com o site de notícias portal popline.

---

<sup>1</sup> Reportagem da Revista Istoé, disponível em: <<https://istoe.com.br/alem-de-contratos-cancelados-gabriela-pugliesi-perde-mais-de-100-mil-seguidores-na-rede-social/>>. Acesso em 20/04/2021.

<sup>2</sup> Reportagem do portal UOL, disponível em: <<https://tvefamosos.uol.com.br/noticias/redacao/2020/08/31/gabriela-pugliesi-diz-que-evoluuiu-com-cancelamento-vivia-em-uma-bolha.htm>>. Acesso em 20/04/2021.

<sup>3</sup> Reportagem do portal PopLine: <<https://portalpopline.com.br/bbb-21-karol-conka-perde-500-mil-seguidores-bill-ganha-700-mil/>>. Acesso em 20/04/2021.

Quando uma pessoa, grupo ou marca é cancelada, o fenômeno acontece em massa. E é justamente por se passar em massa que muitas vezes o ocorrido pode tomar proporções tão ofensivas e desumanas. O indivíduo, especialmente no mundo virtual em que, de certa forma, sente-se “protegido” atrás de uma tela, quando em grupo, pode ser capaz de se posicionar de tal forma que nunca faria caso estivesse sozinho. Freud (1921/2011, p.15) afirma que “o indivíduo na massa adquire, pelo simples fato do número, um sentimento de poder invencível que lhe permite ceder a instintos que, estando só, ele manteria sob controle.” O autor discute ainda sobre como o sentimento de responsabilidade, que impede os indivíduos de se comportarem de determinada forma, se dilui quando em grupo, uma vez que a massa tem o caráter de anonimato.

De acordo com Freud (1921/2011, p. 15), é fácil entender a diluição do sentimento de responsabilização individual em algumas circunstâncias ao se considerar que, na massa, “o indivíduo está sujeito a condições que lhe permitem se livrar das repressões dos seus impulsos instintivos inconscientes”. Atitudes cruéis e aparentemente novas para a personalidade que se vê em um indivíduo, na verdade, são manifestações de uma pré-disposição contida no inconsciente, que, no grupo, ganha voz e espaço exatamente pela facilidade em se desresponsabilizar. Um exemplo dessa transfiguração de comportamento quando se está na massa é o caso da torcedora do Grêmio, Patrícia Moreira. Em 2014, durante o jogo pela Copa do Brasil, as câmeras da televisão flagraram a torcedora em um ato de racismo: ela xingou o jogador Aranha de macaco. A reportagem do site Terra<sup>4</sup> revela a surpresa dos seus vizinhos quando souberam da notícia. Pessoas próximas disseram estar em choque, pois não reconhecem que Patrícia seja racista, ou seja, ela assumiu um comportamento diferente do habitual por estar inserida em um grupo.

A cultura do cancelamento pode acabar por, muitas vezes, promover uma espécie de linchamento digital. A euforia dos internautas ao ocupar essa posição de poder, sentindo-se juízes supremos da Internet, é capaz de culminar na criação de um fenômeno muito observado nos últimos anos: as *fake news*. Comentários distorcidos ganham espaço como verdade vitalícia em alguns *clicks*. De acordo com Freud (1921/2011, p. 20), “as massas nunca tiveram a sede da

---

<sup>4</sup> Reportagem do portal Terra, disponível em: < <https://www.terra.com.br/esportes/gremio/vizinhos-negam-que-jovem-seja-racista-e-citam-namorado-negro,656257f114c38410VgnVCM20000099cceb0aRCRD.html> >. Acesso em 20/04/2021.

verdade. Requerem ilusões, às quais não podem renunciar”. Essa ideia é complementada por Han (2018, p. 23), o qual sustenta que “a massa de indignação atual é extremamente fugidia e dispersa”, ou seja, há pouca ou nenhuma reflexão e, apesar dos discursos de indignação, essas pessoas não assumem uma postura efetiva para alguma ação. Quer dizer, o grupo permanece produzindo ruídos, mas sem propostas de algum movimento capaz de mudar a consciência da sociedade como um todo.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Com a decadência da sociedade disciplinar e o advento da sociedade do desempenho, o excesso de positividade tem como um dos meios de propagação as redes sociais. O predomínio da imagem e do parecer ser se tornaram imperativos e sinônimos de desempenho e sucesso. Nas palavras de Han (2015), esse excesso de positividade tem como consequência o esgotamento e, por isso, o burnout e a depressão têm sido tão frequentes entre as pessoas. Sendo tudo possível e devendo ser publicado e compartilhado, as interações entre os sujeitos passaram a ser mediadas pela espetacularização.

As redes sociais servem como plataforma para que a vida das pessoas sejam expostas com o intento de que suas rotinas sejam tomadas como entretenimento. Aqueles que são considerados influenciadores, são elevados ao patamar de exemplos e modelos a serem seguidos, sobretudo pela aparência que propagam de êxito e felicidade. Dunker (2020) destaca que essas idealizações se chocam com as imperfeições da realidade e a aparente proximidade entre quem segue e quem é seguido faz com que os erros sejam encarados como grandes escândalos, ocasionando os cancelamentos.

Cancelar é a ação daqueles que vigiam, mas também são vigiados. Na sociedade do desempenho, não é mais necessária a presença física de alguém que controla e inspeciona, ao contrário, a rede forma um conjunto tecido por diversas pessoas, diluindo esse poder de quem vigia. O poder espalhado entre tantos contribui com a potencialidade de se cancelar. Dessa atitude, é possível extrair como corolário os seguintes aspectos: cancelar inibe o debate, bem como impede que as diferenças sejam consideradas; os canceladores acreditam que essa ação é um artifício de equilíbrio social, no entanto, a força motriz se concentra em banir aquele que

falha, impondo cada vez mais a necessidade de se buscar a perfeição; além disso, o exercício da cidadania fica comprometido, pois não se pensam em intervenções para lidar com os problemas que aparecem, apenas suprimem a fala do outro, reduzindo-o a uma coisa ou objeto, conforme aponta Dunker (2020).

A sociedade da performance busca eficiência e aceleração, exaurindo as possibilidades de reflexão e crítica, pois, para isso, é necessário tempo para se questionar, mas o tempo deve ser produtivo e determinadas reflexões podem ser consideradas perda de tempo. Dunker (2020) ainda assinala que o cancelamento se configura na subordinação do artista ou *influencer* ao poder da massa. Dito de outra maneira, o mesmo público que promove uma figura pública também é capaz de destruí-la, demarcando a transitoriedade e fugacidade que o virtual cria. Sobre isso, Augusto dos Anjos já advertiu: a mão que afaga é a mesma que apedreja.

## REFERÊNCIAS

- ANTUNES, Ricardo. **O privilégio da servidão**: o novo proletariado de serviços na era digital. São Paulo: Boitempo, 2018.
- DE LA BOÉTIE, Etienne. **Discurso da servidão voluntária**. São Paulo: Brasiliense, 1999.
- DELEUZE, Gilles. Controle e devir. In: **Conversações**. Rio de Janeiro: Editora 34, 1992a
- DELEUZE, G. Post-scriptum: sobre as sociedades de controle. In: **Conversações**. Rio de Janeiro: Editora 34, 1992b.
- DUNKER, Christian. Quem tem medo da cultura do cancelamento? **Gama**, São Paulo, 26 jul. 2020. Disponível em: <https://bit.ly/3jKi26U>. Acesso em: 10 jul. 2021.
- HAN, Byung-Chul. **Sociedade do cansaço**. Petrópolis: Vozes, 2015
- HAN, Byung-chul. **No Enxame**: perspectivas do digital. Petrópolis: Vozes, 2018.
- GIL, Antonio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa**. São Paulo: Atlas, 2002.
- LAKATOS, Eva Maria; MARCONI, Marina de Andrade. **Fundamentos de Metodologia Científica**. São Paulo: Atlas, 2003.

FOUCAULT, Michel. **Vigiar e Punir**: o nascimento da prisão. 20ª ed. São Paulo: Vozes, 1999.

FOUCAULT, Michel, **Microfísica do poder**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2017.

FOUCAULT, Michel. **Nascimento da biopolítica**: Curso dado no Collège de France (1978-1979). São Paulo: Martins Fontes, 2008.

FREUD, Sigmund. (1921). Psicologia das massas e análise do Eu. In: FREUD, Sigmund. **Obras completas**, vol 15. São Paulo: Companhia das Letras, 2011

**Enviado em 14/04/2021**

**Aceito em 28/11/2021**